

ALMA LATINA: MÚSICA DAS AMÉRICAS SOB DOMÍNIO EUROPEU

Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 MHz)

Série de 13 programas semanais idealizados e apresentados por Paulo Castagna às terças-feiras das 11:00 às 12:00 da manhã, de 6 de março a 29 de maio de 2012, como parte do projeto Idéias Musicais. Programas disponíveis para audição online e download, na página <http://paulocastagna.com/alma-latina/>

Programa 11/13 - Europeus e brasileiros cantam ao rei português

(apresentado em 15 de maio de 2012)



Olá amigos! Na semana passada ouvimos um pouco da música escrita para as catedrais brasileiras entre fins do século XVIII e inícios do século XIX. Hoje entraremos na Catedral do Rio de Janeiro, na época em que se tornou a única Capela Real fora da Europa.

Em 1808 Portugal transferiu a sede do governo para o Rio de Janeiro, ao tempo em que os exércitos de Napoleão Bonaparte entravam em seus territórios na Península Ibérica. Nessa época, a capital brasileira abrigava cerca de 60 mil pessoas, entre eles 16 mil europeus e 12 mil escravos. Com a família real chegaram mais 10 mil portugueses e, perto da Independência, a população da cidade aumentou 30%, enquanto a dos escravos triplicou.

O Rio de Janeiro tornou-se a cidade com o maior contraste social do mundo: em um extremo, a elite europeia a serviço e sob proteção do rei, com acesso a bens materiais,

conforto e cultura; em outro extremo, 45% da população chegou a ser constituída de escravos africanos, cujas vidas e destinos pertenciam aos seus senhores.

Em meio a esse contraste, trabalharam para a corte, em constante associação, três compositores muito diferentes entre si: o afro-brasileiro José Maurício Nunes Garcia, o lusitano Marcos Portugal e o austríaco Sigismund Neukomm.

O que faziam no Rio de Janeiro compositores tão prestigiados na Europa, como Marcos Portugal e Sigismund Neukomm? Como Nunes Garcia conseguiu se tornar o primeiro compositor afro-descendente da história a ser nomeado mestre de uma Capela Real? E como era possível escrever música para a realeza diante de um panorama social como esse?

No programa de hoje: *Europeus e brasileiros cantam ao rei português*.

Música	Neukomm - <i>Missa Solene para o Dia da Aclamação de Dom João VI (Gloria in excelsis)</i>	4'24"
---------------	---	-------

De Sigismund Neukomm, ouvimos o Gloria da *Missa Solene para o Dia da Aclamação de Dom João VI*, com o Chœur de Chambre de Namur, La Grande Écurie et La Chambre du Roy, sob direção de Jean-Claude Malgoire. Esta Missa foi composta no Rio de Janeiro em 1817, para a coroação do novo Rei que ocorreu no ano seguinte, em decorrência do falecimento da rainha Dona Maria I. Apesar de ter sido ensaiada, a Missa de Neukomm não foi cantada na cerimônia. A razão: intrigas na corte.

De fato, colaboração e disputas pessoais marcaram as estreitas relações entre Sigismund Neukomm, Marcos Portugal e Nunes Garcia até o retorno de Dom João VI a Lisboa em 1821. Uma cidade americana, como o Rio de Janeiro, ajudou a tornar possível a associação de três compositores com propósitos e características tão diferentes entre si, associação improvável em outras circunstâncias.

O compositor afro-brasileiro, ao qual dedicaremos integralmente o próximo programa desta série, já era mestre da capela da catedral do Rio de Janeiro desde 1798. Quando o Príncipe Regente chegou à cidade, converteu a catedral em Capela Real. Ouvir as composições de José Maurício, o diretor da música da catedral há 10 anos, era o que faltava para Dom João nomeá-lo mestre da Capela Real.

Música	José Maurício Nunes Garcia - Responsório VI (<i>Ne recorderis</i>)	0'29"
---------------	--	-------

Obviamente José Maurício enfrentou o preconceito da corte portuguesa. Alguns se referiam à sua cor como um “defeito visível”. Mas seu talento conquistou a proteção do Príncipe Regente.

O único problema era que sua música, embora bem trabalhada, como as *Matinas de Finados* que estamos ouvimos com a Associação de Canto Coral, dirigida por Cleofe Person de Mattos, não tinha a modernidade e a pompa que a família real portuguesa desejava.

Nunes Garcia trabalhou intensamente para modernizar sua sonoridade, mas a corte não queria somente isso: também desejava que a capela real expressasse musicalmente a sua nobreza e o seu poder. A música da capela real deveria impactar os ouvidos, assim como as leis da coroa impactavam a população.

Música	Marcos Portugal - <i>La morte di Semiramide</i>	0'15"
---------------	---	-------

Para isso, três anos após sua chegada ao Brasil, Dom João chamou ao Rio de Janeiro o experiente compositor Marcos Portugal, que já havia sido o mestre da Capela Real em Lisboa e cujas óperas estavam sendo representadas por toda a Europa. Quando Rossini estreou em Veneza sua primeira ópera, *La cambiale di matrimonio*, no ano de 1810, a orquestra foi dirigida, ao cravo, por ninguém menos que Marcos Portugal.

Em 1811 Dom João nomeou Marcos Portugal o compositor oficial da Corte no Brasil e Mestre de Música de Suas Altezas Reais, dividindo funções na corte com José Maurício, que permanecia como mestre da Capela Real.

Esses dois compositores atuaram conjuntamente em várias ocasiões. Uma delas foi nas cerimônias natalinas desse mesmo ano. Marcos Portugal foi encarregado da composição das *Matinas* e Nunes Garcia da *Missa do Natal*.

Música	José Maurício Nunes Garcia - <i>Missa do Natal (Kyrie)</i>	0'24"
---------------	--	-------

Como era costume, as *Matinas do Natal* foram cantadas na noite do dia 24 de dezembro, antes da primeira Missa solene.

Este é um bom exemplo de sonoridade originária na ópera italiana da época, com solos e com passagens virtuosísticas, alegres e às vezes até cômicas. Marcos Portugal finalmente levou ao Rio de Janeiro o som então cultivado pela realeza cristã, tornando-se a principal referência de música sacra na corte, por quase 20 anos.

De Marcos Portugal ouviremos, com o Ensemble Turicum, o primeiro Responsório das *Matinas do Natal* de 1811, sob a direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

Música	Marcos Portugal - <i>Matinas do Natal (Responsório I)</i>	16'16"
---------------	---	--------

De Marcos Portugal ouvimos, com o Ensemble Turicum, o primeiro Responsório das *Matinas do Natal* de 1811, sob a direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

José Maurício Nunes Garcia compôs a Missa solene para ser cantada após as *Matinas* de Marcos Portugal. Como previsto na liturgia da Natividade, esta Missa foi destinada a três momentos do dia 25 de dezembro: a noite, a aurora e o dia.

Nessa época, a música de Nunes Garcia já não lembrava mais a austeridade de suas obras na catedral. Dom João desejava música mais moderna e extrovertida e assim passou a compor o padre carioca.

De José Maurício Nunes Garcia, ouviremos o *Gloria in excelsis* e o *Cum sancto spiritu* da *Missa Pastoril para a Noite de Natal* de 1811, com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

Música	José Maurício Nunes Garcia - <i>Missa Pastoril para a Noite de Natal (Gloria in excelsis)</i>	2'11"
	José Maurício Nunes Garcia - <i>Missa Pastoril para a Noite de Natal (Cum sancto spiritu)</i>	2'40"

De José Maurício Nunes Garcia, ouvimos o *Gloria in excelsis* e o *Cum sancto spiritu* da *Missa Pastoril para a Noite de Natal*, com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

Para os cortesãos portugueses, a música sacra composta com solos vocais ou instrumentais, que incluía passagens virtuosísticas e a alegria da ópera italiana da época, já era habitual. Mas para o compositor afro-descendente Nunes Garcia, essa foi uma sonoridade que ele teve de assimilar em pouco tempo, e da qual se apropriou permanentemente.

Suas obras escritas a partir de então passaram a ter aspecto exuberante, instrumentação ampla, uso frequente dos tímpanos, solos difíceis e uma rítmica vigorosa, em satisfação ao desejo que tinha a corte portuguesa, de que a capela real expressasse, pela música, nobreza e poder.

Este é o caso do Salmo 116 (*Laudate Dominum*), que José Maurício Nunes Garcia escreveu em 1813, e que ouviremos com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

Música	José Maurício Nunes Garcia - <i>Laudate Dominum</i>	7'09"
---------------	---	-------

De José Maurício Nunes Garcia, ouvimos o Salmo *Laudate Dominum*, de 1813, com o Ensemble Turicum, sob direção de Luiz Alves da Silva e Mathias Weibel.

Música	Joseph Haydn - <i>Sinfonia em ré maior Hob 104, "Londres" (I - Adágio/Allegro)</i>	0'18"
---------------	--	-------

Franz Joseph Haydn dizia que seu melhor aluno havia sido Beethoven, mas seu preferido era Neukomm. Foi esse mesmo Neukomm que viajou para o Rio de Janeiro em 1816, em uma comitiva diplomática destinada a felicitar o novo rei e reatar suas relações com a França, rompidas desde as guerras napoleônicas.

Sigismund Neukomm deveria ficar somente alguns meses, mas acabou se encantando com o Rio de Janeiro e aceitou o convite do ministro do reino para exercer atividades musicais na corte. Uma das novas funções de Neukomm foi ensinar música aos infantes reais, como o Príncipe Dom Pedro e sua esposa Dona Leopoldina.

Música	Sigismund Neukomm - <i>O amor brasileiro</i>	0'44"
---------------	--	-------

Poucas casas do Rio de Janeiro daquela época possuíam um piano. As variações sobre um lundu, intituladas *O amor brasileiro*, compostas por Neukomm em 1819 e aqui interpretadas por Rosana Lanzelotte, provavelmente foram destinadas ao ambiente doméstico da corte e das famílias européias do Rio de Janeiro.

O lundu era uma exceção na elite carioca, que desejava consumir música de caráter essencialmente europeu, apartando da corte a sonoridade de qualquer outra etnia. Os autores referenciais da alta classe da época eram sempre europeus, como Haydn e Mozart.

A presença de Neukomm na corte real era, portanto, emblemática. Esse compositor havia nascido em Salzburg, na casa em frente àquela onde nasceu Mozart. E foi nesse contexto que Neukomm deparou-se com uma tarefa delicada: completar, no Rio de Janeiro, nada mais, nada menos, que o *Requiem* de Mozart.

Música	Wolfgang Amadeus Mozart - <i>Requiem</i> (Kyrie)	0'47"
---------------	--	-------

Wolfgang Amadeus Mozart trabalhou neste *Requiem* em Viena, nos meses que antecederam sua morte, em 1791. Mozart estava atendendo a encomenda de um comprador não identificado, e que hoje se sabe ter sido o Conde Franz Von Walsegg e não o compositor Antônio Salieri, como sugeriu o conhecido filme *Amadeus*, de Peter Shaffer.

Wolfgang morreu sem terminar a partitura. Para concluí-la e entregá-la ao Conde Walsegg, o que era necessário para receber o pagamento final, Constanze Mozart procurou secretamente a ajuda de dois outros compositores e provavelmente os pagou para terminar a partitura: Joseph von Eybler e Franz Xaver Süssmayr, este último responsável pela orquestração da obra.

Com a edição que a Breitkopf & Härtel fez em 1799, a partir da versão de Eybler e Süssmayr, o *Requiem* de Mozart começou a circular pela Europa. E foi provavelmente um exemplar dessa edição que Sigismund Neukomm levou ao Rio de Janeiro em 1816.

José Maurício Nunes Garcia teve acesso à partitura naquele mesmo ano e dirigiu, em 1819, a primeira apresentação do *Requiem* de Mozart fora da Europa, em uma festividade organizada pela Confraria de Santa Cecília do Rio de Janeiro.

Neukomm publicou, no ano de 1820, uma interessante notícia em alemão sobre a estréia carioca do *Requiem* de Mozart, no *Allgemeine Musikalische Zeitung* de Leipzig. Seu primeiro parágrafo diz o seguinte:

“Rio de Janeiro – A corporação dos músicos [...] comemora anualmente a Festa de Santa Cecília e, alguns dias após, é celebrada uma missa em memória dos músicos falecidos no decorrer do ano. Para esse fim, alguns integrantes da corporação, interessados em boa música, propuseram o Requiem de Mozart, que foi executado em dezembro passado na Igreja do Parto, por uma orquestra numerosa. O mestre da Capela Real, Padre José Maurício, assumiu a direção do conjunto.”

O *Requiem* de Mozart foi reapresentado no Rio de Janeiro em 1821 e, para essa ocasião, Neukomm decidiu completá-lo. Mas este compositor não fez o mesmo que Eybler e Süssmayr fizeram em Viena. Neukomm apenas acrescentou, ao final do *Requiem*, o Responsório *Libera me*, que não havia sido planejado por Mozart, mas que era previsto na liturgia romana.

Wolfgang estava atendendo a uma encomenda do Conde Walsegg destinada ao aniversário de falecimento de sua esposa, e para esse tipo de ocasião, um *Requiem* não inclui o *Libera me*, cantado somente nas missas de corpo presente.

Música	Sigismund Neukomm - <i>Libera me</i>	0'19"
---------------	--------------------------------------	-------

Sigismund Neukomm compôs o Responsório *Libera me* justamente para que o *Requiem* de Mozart pudesse ser usado também em cerimônias de corpo presente. Segundo o catálogo autógrafo de suas obras, Neukomm compôs o *Libera me* a grande orquestra “para ser anexado ao *Requiem* de Mozart, pois o *Libera [me]*, que no rito católico romano termina a Missa dos Mortos, falta no *Requiem* de Mozart.”

Uma nota em francês, no manuscrito desta composição que existe na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, diz: “*Esta música do Libera me, pela qual a Igreja Romana termina o serviço fúnebre, foi composta para ser cantada juntamente com o Requiem de Mozart, durante a execução desta imortal obra-prima na igreja da Confraria de Santa Cecília do Rio de Janeiro.*”

O *Libera me* de Neukomm possui trechos inteiramente compostos por este autor e outros baseados em Mozart. Podemos ouvir, como exemplo, o início do *Dies iræ* do *Requiem* de Mozart:

Música	Wolfgang Amadeus Mozart - <i>Requiem (Dies iræ)</i>	0'15"
---------------	---	-------

E em seguida, o início do *Dies illa* do *Libera me* de Neukomm:

Música	Neukomm - <i>Libera me (Dies illa)</i>	0'15"
---------------	--	-------

A reutilização do Material do *Requiem* foi proposital, uma vez que Neukomm escreveu o *Libera me* para ser anexado à composição de Mozart e não cantado como obra independente.

Vamos ouvir agora, na íntegra, o Responsório *Libera me* de Sigismund Neukomm, composto na cidade do Rio, em 24 de janeiro de 1821, para completar o *Requiem* de Mozart. A interpretação será do Kantorei Saarlouis, La Grande Écurie et La Chambre du Roy, sob direção de Jean-Claude Malgoire.

Música	Sigismund Neukomm - <i>Libera me</i>	6'58"
---------------	--------------------------------------	-------

Ouvimos, de Sigismund Neukomm, o Responsório *Libera me*, composto no Rio de Janeiro em 1821 para completar o *Requiem* de Mozart, com o Kantorei Saarlouis, La Grande Écurie et La Chambre du Roy, sob direção de Jean-Claude Malgoire.

Foi notável a exuberância da atividade musical no Rio de Janeiro e a expressão sonora do poder da corte portuguesa durante o governo de Dom João VI. Mas isso teve um alto preço social: por volta de 1821, em meio a uma população de quase 80 mil pessoas na capital, das quais cerca de 25 mil eram europeus, o número de escravos girava em torno de 35 mil. No restante do Brasil, até fins do século XIX, a escravidão foi usada para

executar duramente o trabalho que, em vários lugares da Europa já era feito por máquinas.

Para sustentar o luxo da corte e o modo de vida ocidental em outras regiões brasileiras, os europeus optaram por manter em condições praticamente sub-humanas uma parcela considerável da população. Além da extinção de quase 80% dos povos indígenas, o Brasil tornou-se o país que mais recebeu escravos no mundo e a última nação do planeta a abolir o tráfico de africanos.

Como ouvir a música escrita para a corte no Brasil, em meio a contrastes tão cruéis? Seria possível apreciar a beleza das obras compostas naquela época, mas sem fechar os olhos para a perversa exploração de seres humanos, que de outra maneira e com outros métodos continua a ocorrer na atualidade? Talvez a reflexão sobre isso possa contribuir para transformar a culpa em responsabilidade e a perplexidade em desenvolvimento..

Conhecer melhor essa história pode nos ajudar a mudar nossa relação com o passado e a construir um futuro diferente. É o que faremos nos próximos programas, ouvindo um pouco mais de música das Américas sob domínio europeu.

No programa seguinte: *Um compositor afro-brasileiro na capela real.*

Eu sou Paulo Castagna e volto na próxima semana com mais um *Alma Latina*, programa da série Idéias Musicais. Este programa teve a produção de Ralf Schwarz e trabalhos técnicos de Almir Amador. Boa semana e até lá.

VINHETA DE ENCERRAMENTO
